

O comércio mundial de armas e a exportação bélica do Brasil

The global trade in arms and the arms exports from Brazil

Ian Cassiano Batista Cunha¹

iancunha87@gmail.com

Ricardo José Batista Nogueira²

nogueiraricardo@uol.com.br

Resumo

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, presenciamos uma nova corrida armamentista que envolve as principais potências mundiais e que estão em constante competição pela soberania econômica, tecnológica e militar. O objetivo central é apresentar algumas teorias das relações internacionais para mostrar o comportamento entre Estados a partir da sua forma de gestão, além de exaltar a capacidade de produção bélica do Brasil e o destino desse material. A pesquisa se baseia em levantamento bibliográfico e consulta ao banco de dados de institutos aplicados no monitoramento de transferências de material bélico entre países.

Palavras chave: Geopolítica, militar, Brasil.

Abstract

Since the end of World War II, we face a new arming race involving the great powers that are constantly struggling for economic, technological and military sovereignty. This paper's main objective is to present some internal relations theories showing the behavior of States and their management, and to present the Brazilian production capacity on war material and the destination of these products. This research is based on literature review and consultation on institutes applied in the control of war material shipments and supplies between countries database.

Key- words: Geopolitic, military, Brazil.

Introdução

Até os dias atuais podemos basicamente presenciar uma “corrida armamentista” onde diversas potências estão em contínua mutação econômica e militar, onde a questão político-militar, na maioria das vezes, é ou foi usada para determinar os objetivos do Estado. A questão de adquirir equipamento bélico está diretamente ligada à natureza de planejamento do país, onde mesmo com tratados e alianças os gastos militares estão em contínuo crescimento e

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM.

² Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM.

aumento da produção são resultados visíveis do “receio” constante em que a nação poderá sofrer uma ofensiva, independentemente de o agressor ser aliado ou não. No Brasil temos poucas informações disponíveis sobre as transferências bélicas entre Estados e suas utilizações, assim como quais tipos de empresas e produtos fabricamos. Existem algumas teorias das relações internacionais que procuram explicar o comportamento dos estados nacionais com relação a sua participação no sistema mundial e a disputa de poder, entre elas o Realismo, Idealismo e Grocianismo.

Conforme afirma Lacerda (2006), o Realismo é denominada a mais importante entre as citadas pois abrange as relações políticas entre os Estados, onde em âmbito internacional estabelece que todos países estão em constante disputa por poder e atuam conforme seus interesses. Na luta pelo poder, os Estados podem apresentar três padrões para determinar sua conduta: Em primeiro representa-se pela aplicação de políticas para manter o poder adquirido; Em segundo o investimento em poderio bélico e por último alguns países, por necessidade, buscam cerimônias diplomáticas e desfiles militares como forma de demonstrar poder.

Em contradição ao Realismo, o Idealismo propõe que os Estados possam atuar em um bem comum, onde as diferenças podem ser resolvidas por meio do diálogo ao fim de compactuar um acordo de benefício mútuo. Por fim é possível que exista uma instituição internacional para mediar os conflitos e tentar obter a paz entre os diversos países e seus interesses (LACERDA, 2006).

O Grocianismo constitui-se basicamente na fusão parcial entre Realismo e Idealismo em termos de estrutura social e econômica. Enquanto o realismo enfatiza os choques entre as unidades políticas autônomas, explicando a ordem a partir da conveniência dos agentes (e apenas enquanto durar essa conveniência), o modelo grociano postula que em um sistema de unidades políticas autônomas, a comunidade de valores funciona como um canal de ligação entre os agentes, estabelecendo (ou permitindo) certas regras comuns e eventualmente criando também uma identidade comum (LACERDA, 2006).

Assim, as relações entre Estados encontra-se em um constante instável equilíbrio onde a demonstração bélica torna-se uma ferramenta de intimidação moderna, além de atrativa ao setor econômico. No Brasil diversas grandes

empresas atuam neste setor, promovendo a inserção brasileira no mercado internacional e a disputa pelo monopólio de produtos rentáveis.

Materiais e métodos

A análise partiu de um levantamento bibliográfico de livros, periódicos, notícias em meio eletrônico e participação em evento militar, onde se fez o levantamento de dados das principais empresas do setor bélico nacional com foco em identificação das principais potências em exportação de armamento, seguidamente do fluxo bélico do Brasil. O uso do banco de dados do SIPRI (*Stockholm International Peace Research Institute*) foi classificado por importação e exportação entre as principais potências bélicas entre o período de 2008 e 2015, e do Ministério de Planejamento de Gestão do Brasil se obteve como produto uma comparação entre 2010 e 2014 sobre o orçamento destinado à alguns ministérios, representando a aplicação da verba nacional no setor militar.

Resultados e discussões

Um dos principais estudiosos das relações internacionais e que ainda hoje norteia o pensamento político nas relações internacionais é Aron (2002), que numa obra escrita em 1962, aponta que

Toda política internacional importa um choque constante de vontades, por estar constituída por relações entre Estados soberanos, que pretendem livremente determinar sua conduta. Enquanto essas unidades não estão sujeitas a leis ou a um arbítrio, elas são rivais, pois cada uma é afetada pela ação das outras, e suspeita inevitavelmente de suas intenções. Mas esta contraposição de vontades não desencadeia necessariamente a competição militar, real ou potencial. O intercâmbio entre unidades políticas nem sempre é belicoso; seu relacionamento pacífico é influenciado pelas realizações militares, passadas ou futuras, mas não é determinado por elas (ARON, 2002, p.100)

Isto já nos indica que as tensões existentes no interior e entre os estados nacionais podem variar de grau dependendo de inúmeros fatores, culturais, econômicos e sociais, sendo a política o caminho para amortecer tais tensões. Contudo, também percebemos que nem sempre acordos e tratados são

suficientes para apaziguar ânimos internos ou externos. Daí os conflitos em diversas escalas. Ahlmark (2006 *apud* RUSSET, 1995) torna claro que o conflito entre democracias torna-se raro pois seus representantes buscam resolver distinções por meios não hostis, além da necessidade do debate público para obtenção de vasto apoio.

As transformações na geopolítica que foram desde a ideia de Mackinder (1904) de quem dominar a “*heartland*” (posição estratégica para hegemonia mundial onde atualmente chamamos de Europa Oriental) dominará o mundo, passando pelos embates entre capitalismo e socialismo no século XX e corrida armamentista e tecnológica, atualmente mostram-se presentes com a necessidade contínua de inovação bélica, desde armas leves até as de destruição em massa. Um fato considerável é a substituição gradativa de infantaria por mísseis guiados por GPS (*Global Positioning System*), o uso VANTS (Veículo aéreo não tripulado) militares, sistemas de sensoriamento remoto para vigilância, plataformas de mísseis com grande alcance, uso de robôs controlados remotamente, etc.

Uma de nossas principais fontes para esta pesquisa é o SIPRI (instituto internacional independente dedicado à pesquisa em conflitos, armamentos, controle de armas e ao desarmamento, fundado em 1966 na Suécia. Conforme dados do SIPRI é possível constatar um aumento significativo na produção mundial de equipamento bélico desde os anos 2000, onde o fluxo de importação e exportação aponta novas tendências para este forte setor na economia. Em 2009 o SIPRI publicou um relatório representando a porcentagem de transferências bélicas de 1999 até 2008, constatando o aumento da mesma.

Os Estados Unidos sempre permaneceram como o principal exportador bélico, seguido da Rússia, Alemanha, França e Reino Unido. Este último estava entre os 5 maiores exportadores desde 1950 até ser superado pela China em março de 2013. Wezeman *et al.* (2015) aponta que o “Boom Asiático” acontece pelo fato da Ásia superar a Europa com gastos militares e pelo crescimento acelerado das exportações da China, a mesma com um aumento de 143% entre 2005-2009 e 2010-2014 além de chegar ao valor de 5% na exportação mundial.

Este avanço chinês no mercado de armamentos começa a apresentar até problemas ambientais. Segundo John McManus (TERRA, 2015) professor

de Biologia Marinha da Universidade de Miami, a disputa em torno do mar da China já sofre com danos irrecuperáveis no meio biológico, pois diversos corais estão destruídos pelo fato de serem aterrados e dragados conforme a construção de bases militares e afins. Os principais importadores entre 2008 e 2012 estão localizados também na Ásia: Índia (12%), China (6%), Paquistão (5%) e por fim a Coreia do Sul com (5%). Uma explicação para tamanha importação desses países poderia ser o conflito entre Índia e Paquistão pelo território da Caxemira já vem ocorrendo por diversas décadas, seguidamente pelos embates no mar ao sul da China por questões de recursos naturais, gás e petróleo, além da rota comercial pesqueira. Por ser o único país com uma indústria bélica bem desenvolvida, é a responsável por suprir os países vizinhos, onde o Paquistão se torna o seu principal importador, com obtenção de 55 % da produção bélica (HOLTOM *et al.*,2013).

Em termos de despesas com armas convencionais (pistolas, metralhadoras e fuzis) o valor gerado é cerca de US\$ 80 bilhões por ano (BRANDÃO, 2014), mas estes são dados imprecisos pois é de conhecimento que os países não revelam exatamente o valor de seus investimentos e gastos por questões de segurança, assim como a relação entre indústria / políticos / militares e Estado que colocam os valores bélicos de forma protegida e não divulgada abertamente em âmbito nacional e internacional.

Segundo Perlo-Freeman (2014), grandes contratos entre Estado e indústria local engloba a venda de armas quanto a prestação de serviços militares. "Por isso, os valores de vendas totais de equipamentos e serviços das empresas são muito mais elevados do que quaisquer estimativas para o comércio mundial de armas" (RBA, 2014).

As exportações sempre se mantiveram com um estado soberano desde o fim da 2ª Guerra Mundial: Estados Unidos. Ao longo das décadas, Rússia, Alemanha, Portugal, França e Reino Unido sempre disputaram um segundo lugar e não conseguiram se desenvolver ao ponto de competir com o mercado imposto. Isso começou a mudar em 2009 quando a China obteve um crescimento maior que 140% nas exportações, onde os países ao entorno começaram a comprar sucessivamente colocando a tal soberania americana em ameaça. Atualmente, as discussões da emissão de poluentes na atmosfera por

parte das principais potências tentam impedir o avanço e desenvolvimento industrial Chinês, que segundo pesquisas poderá ser economicamente igual aos EUA em 2030, e no setor militar em 2050. Isso poderá chegar antecipadamente se a China continuar com o mesmo ritmo de exportação. Com isso, pode-se notar uma corrida armamentista político-militar ininterrupta desde a corrida espacial.

Com o Boom Asiático e a criação da indústria bélica chinesa, podemos constatar as principais rotas comerciais provenientes deste setor econômico. Nem todos os países que adquirem uma grande encomenda bélica estão por comprar algo de ponta. Muitos materiais leves que são vendidos em grande quantidade por preços baixos podem ser substituídos por algumas unidades pesadas e mais caras, assim como a infantaria por sistemas de defesa e armas cada vez mais sofisticadas.

Apesar das disputas, tensões e conflitos entre os estados nacionais terem na política o caminho para a resolução, é importante lembrar que a produção de armas é também um negócio. Conforme Fracalossi (2011), a característica mais importante do mercado internacional de armamentos pode ser dividida em três setores: para o Estado, as transferências de equipamentos militares podem possuir objetivos e implicações tanto econômicas quanto políticas. No setor econômico, os materiais bélicos podem ser considerados como qualquer outro produto, cujas exportações contribuem para o crescimento econômico em geral. Por fim temos a política, diferentemente, os armamentos são considerados produtos estratégicos, podendo ser utilizados pelos governos como instrumentos a serviço de suas políticas externas.

Fracalossi ilustra de forma objetiva como as transferências internacionais de armamentos podem ser usadas em diferentes interesses, demonstrado na tabela 1. Existe a forma de exportação como um simples produto gerando renda para o país, assim como transferências de caráter estratégico. As decisões pelo governo sobre o fornecimento externo de armamentos, devem sempre ser consideradas tanto a dimensão política quanto a dimensão econômica dos possíveis negócios.

O comércio mundial de armas e a exportação bélica do Brasil

Tabela 1: Objetivos e implicações nas transferências de armamentos para o exterior. Fonte: (FRACALLOSSI, 2011, p 13).

Objetivos e implicações políticas (positivas e negativas)	Objetivos e implicações econômicas (positivas e negativas)
Fortalecimento de Estados ou movimentos insurgentes aliados	Aumento do ingresso de divisas em moeda estrangeira
Enfraquecimento relativo de Estados ou movimentos insurgentes inimigos	Elevação da arrecadação de tributos
Influência sobre o curso de uma guerra interestatal ou uma guerra civil	Promoção do crescimento e/ou do desenvolvimento econômico
Fortalecimento de uma aliança militar por meio da padronização de equipamentos e consequente elevação da interoperabilidade	Redução do custo dos produtos militares que o Estado nacional adquire
Obtenção ou manutenção do status de país neutro e/ou pacífico	Geração/manutenção de uma escala de produção que viabilize a indústria bélica nacional
Fortalecimento indesejado de um futuro inimigo	Redução dos subsídios concedidos às empresas do setor
Recebimento de sanções decorrentes de violações de embargos de armas	Realização de "trocas" de armamentos por recursos naturais (petróleo, gás natural, urânio etc.)
Perda de um aliado por recusa a um fornecimento de armas	Dependência excessiva do mercado externo

Fracalossi (2011) explica que existem basicamente duas dimensões ligadas diretamente à transferência de armas: Política e Econômica. Na política, os fluxos de exportações podem ser vistos como tentativa de estabelecer laços e possivelmente uma aliança entre Estados, mesmo que uma das partes não esteja com esse objetivo interno, de adquirir suprimento bélico. O mesmo Estado pode chegar a recusar um acordo de abastecimento ou enviar para outros estados em conflito, abalando sua postura internacional. "O maior inimigo para um estado em guerra não é o inimigo oficial, mas a repulsa popular de todos os lados contra os horrores e o absurdo da guerra" (HOLLOWAY; PELÁEZ, 2002).

Na economia, as empresas do setor bélico estão sempre em busca de novos clientes, assim como a mesma depende de um comércio aberto para se manter em atividade. Quando um Estado decide ser autosuficiente, precisa constatar que sem as exportações a possibilidade da troca em recursos naturais como petróleo (*Oil for weapons*), urânio, gás natural entre outros é baixíssima, além do fato de que manter as empresas nacionais poderá sair caro por conta que possivelmente não será consumida toda a produção interna.

No Brasil, a EMBRAER é responsável pelo maior índice de exportação entre 1990 até 2010 com a fabricação do EMB-314 Super Tucano, este adquirido pela FAB e também destinado à exportação. O Super Tucano é o produto militar brasileiro de maior venda externa desde o início dos anos 1990, tendo respondido por cerca de 67% das transferências militares externas do país no

período 2006-2010. Se forem desconsideradas as vendas/doações de produtos pelas Forças Armadas do Brasil, este percentual passa para 72% (FRACALOSSI, 2012).

Um grande avanço na exportação bélica nacional seria por meio do maior projeto da EMBRAER no ramo militar: Aeronave multimissão de transporte militar e reabastecimento aéreo KC- 390 que poderá substituir o famoso Hercules que atua em diversos países, proveniente da década de 50. Em valores, o KC-390 está estimado em US\$ 71 Milhões e cerca de 30 países já assinaram uma carta declarando interesse em futuras aquisições, pois sua tecnologia de ponta abrange: Abastecimento em voo, combate ao incêndio florestal, transporte de tropas e veículos, busca e salvamento, etc. Supondo-se cenário “otimista”, no qual, até 2025, as aquisições das Forças Armadas do Brasil e outras aquisições internas chegassem a 80 unidades, as 620 unidades destinadas ao mercado externo alcançariam valor próximo a US\$ 44 bilhões, o que seria mais de oito vezes superior ao total das exportações de equipamentos militares do Brasil no período 1966- 2010 (FRACALOSSI, 2012).

Até o momento foram produzidas 2 unidades (Fig.1), uma está em situação de protótipo passando por testes e a segunda retornou nesta última quinta (28/07/2016) da feira internacional Farnborough, na Inglaterra, considerado um dos maiores eventos de aviação mundial. Para suporte aos Estados compradores, em julho de 2016 a Boeing e Embraer fecharam um acordo onde a Boeing fornecerá o suporte operacional e a Embraer continuará com a comercialização.

Durante o I Seminário Internacional de Operações na Selva-SIOpSELVA 2015, obtive a oportunidade de dialogar com um representante da EMBRAER, sendo que o mesmo confirmou a intenção de compra por parte de Portugal, República Tcheca e Canadá, este último com 12 unidades. Em questão Nacional a FAB encomendou com o total de 28 unidades. Interessante ressaltar que este evento militar contou com stands de várias empresas bélicas nacionais com amostras de suas novas invenções além da interação entre oficiais de diversos países para avaliação das propostas em operações conjuntas e verificação de novos produtos para aquisição. Apesar do evento estar voltado para o meio militar e empresarial, era aberto para o meio civil com inscrições gratuitas e

O comércio mundial de armas e a exportação bélica do Brasil

infelizmente notou-se praticamente a nula participação da sociedade em geral para prestigiar e obter informações. Em âmbito internacional, o Global Firepower (2016) classifica o Brasil na 15ª colocação militar, considerando aproximadamente 50 fatores divididos em vários setores.



Figura 1: KC -390 em cerimônia de inauguração - Gavião Peixoto, SP. Foto: Divulgação/ Embraer, 2016.

Para visualizarmos o crescente investimento no setor de Defesa Nacional, foi elaborado o gráfico abaixo exemplificando os gastos previstos para alguns ministérios. Defesa e Educação poderão daqui não muito tempo receberem aproximadamente o mesmo orçamento novamente, sendo que em 2010 a Defesa recebeu maior investimento que Educação, e ficou quase em mesmo orçamento em 2011.

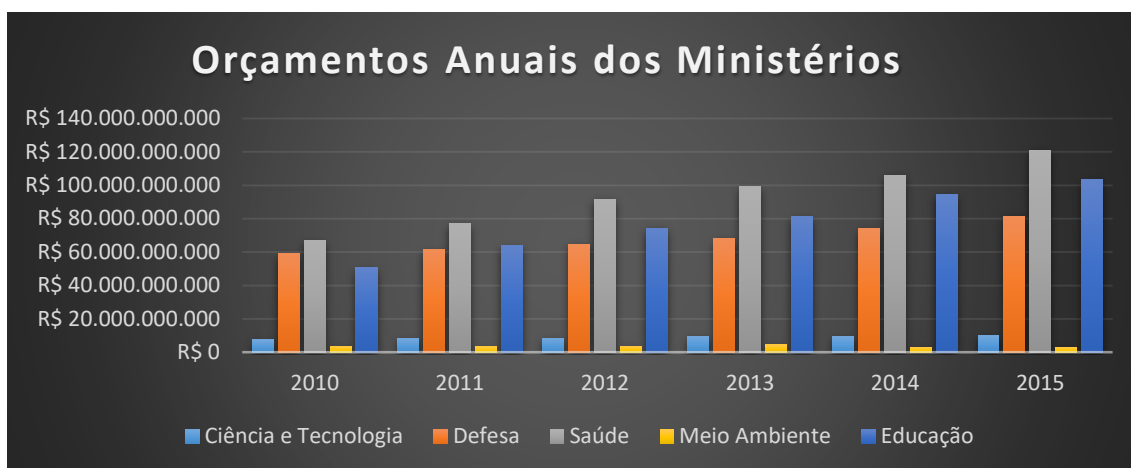


Gráfico 1: Orçamento para os ministérios do Brasil entre 2010 e 2015. Org: Ian Cunha. 2016. Fonte: Ministério de planejamento, desenvolvimento e gestão.

Em território nacional, possuímos algumas empresas bélicas que estão por meio privado e estatal estabelecidas em grande parte no setor Sudeste do país. A Embraer e Forjas Taurus detêm os títulos de maiores exportadoras nacionais atuais com aeronaves e armamentos leves. Conforme o instituto *Small Arms Survey* em parceria com o Viva Rio, o Brasil é o 2º maior exportador de armamentos leves do Ocidente, com os Estados Unidos consumindo grande parte desses produtos (DREYFUS *et al.*, 2010). Entre 2008 e 2010 afirma-se um movimento em cerca de US\$ 100 anuais entre CBC, TAURUS e IMBEL. O Brasil possui diversos equipamentos militares e empresas deste setor que são desconhecidos pela sociedade em geral. Podemos citar a CBC, principal empresa para fabricação de munição em geral; Forjas Taurus como empresa de fabricação de armas (revólveres, pistolas, submetralhadoras, lançadores de granada e carabinas); Avibrás na fabricação de mísseis, lançadores de foguetes -ASTROS 2020-, sistemas de defesa (foguetes interceptadores terra-ar) e carros blindados; A Iveco é conhecida pela fabricação de caminhão para uso civil, mas também participa no setor militar com veículos blindados como a viatura LMV; Helibrás na fabricação de helicópteros para meio civil e militar, de aeronaves leves para reconhecimento (H125M) até pesadas para combate (Tiger); Embraer com aeronave leve de combate A-29 Super Tucano e por fim a pioneira IMBEL, com pistolas, equipamentos de comunicação, facas, pólvoras, munições, fuzis, carabinas e abrigos temporários. Entre 2008 e 2015 o Brasil exportou equipamentos para os seguintes países: **Paquistão** (100 unidades do míssil

MAR-1 anti-radiação); **Colômbia** (50 unidades bomba guiada SMKB); **Uruguai** (25 unidades do blindado M-41 Bulldog); **Afganistão** (20 unidades aeronave leve de combate EMB- 314 Super Tucano) e **Equador** (18 unidades aeronave leve de combate EMB- 314 Super Tucano) (SIPRI, 2016)³. A representação da localização destas empresas encontra-se na figura 2 .

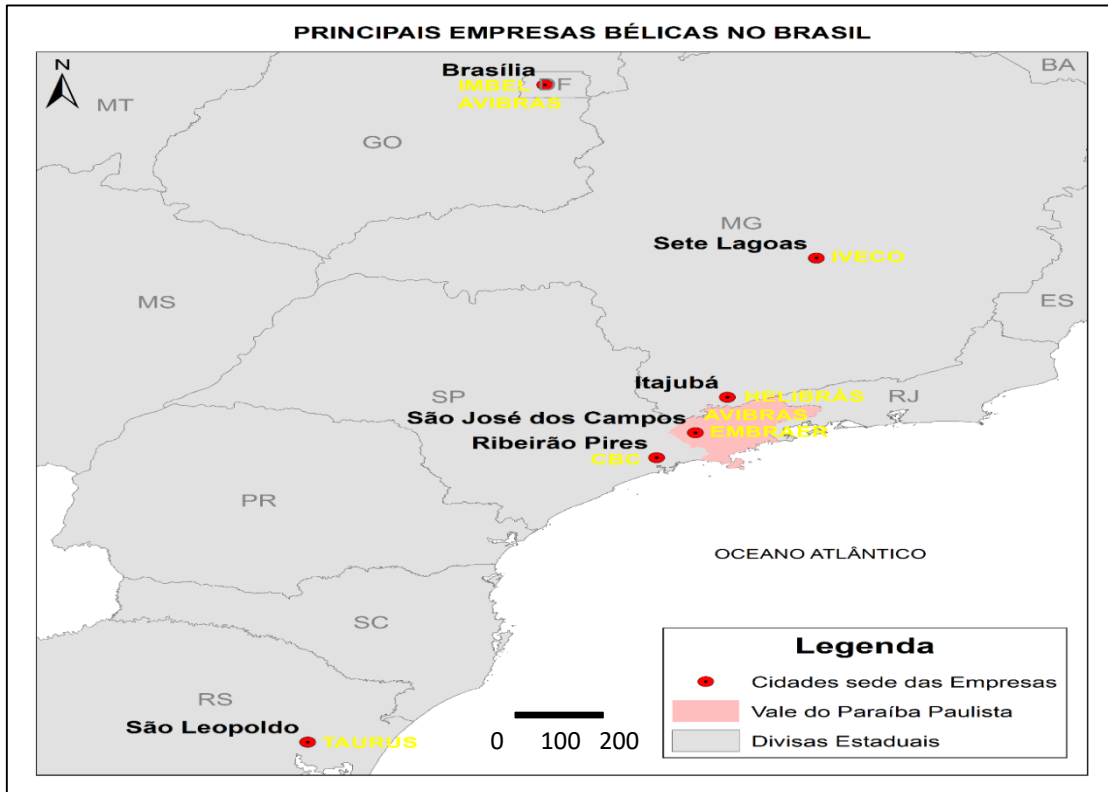


Figura 2: Localização das sete principais empresa bélicas no Brasil. Org: CUNHA, Ian. 2016. Fonte : ESRI.

Conclusão

Estamos assistindo uma evolução tecnológica armamentista contínua entre países e o surgimento de um novo forte candidato para a soberania militar internacional, este podendo influenciar o pseudo-equilíbrio em todos os países conforme sua forma de gerenciamento do Estado. Neste caso, o embate entre as teorias de Idealismo e Realismo retratadas anteriormente estão contidas na forma de gestão do país em questão, este com tendência a optar pelo Realismo em contexto mundial. Em escala nacional, verifica-se a participação de diversas

³ É noticiado em 2016 o interesse de possível aquisição da aeronave A-29 Super Tucano pelo Paraguai, Nigéria e Índia. Esta última também demonstrando interesse na aquisição da aeronave KC-390 (VALENTE, 2016).

empresas deste setor a impulsionar economia e representatividade internacional através de variados produtos, destacando as aeronaves EMB-314 “Super Tucano” e KC-390 desenvolvidas pela EMBRAER como vetor econômico.

Referências

AHLMARK, P. A democracia e a Paz. In: AHLMARK, Per et alii. Org. **Imaginar a Paz** – Brasília: UNESCO, Paulus Editora, 2006.

ARON, Raymond. **Paz e guerra entre as nações**. Brasília, EDUNB, 2002.

BRANDÃO, Renato. **Ricos, poderosos, sem limites. O trilionário negócio das armas**. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/91/ricos-poderosos-e-sem-limites-2814.html>>. Publicado em 19 de jan. 2014. Acesso em 27 out. 2015.

DREYFUS, Pablo; Lessing, BENJAMIN; Nascimento, Marcelo de Souza; PURCENA, Júlio Cesar. **Small Arms in Brazil: Production, Trade, and Holdings**. Small Arms Survey, Graduate Institute of International and Development Studies, Geneva 2010. Disponível em: <<http://www.smallarmssurvey.org/fileadmin/docs/C-Special-reports/SAS-SR11-Small-Arms-in-Brazil.pdf>>. Acesso em 14 Fev. 2015

FRACALOSSI, Rodrigo de Moraes. **A inserção externa da indústria brasileira de defesa: 1975-2010**. Brasília, IPEA (2012). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=15107> Acesso em 24 out. 2015.

FRACALOSSI, Rodrigo de Moraes. **O mercado internacional de equipamentos militares: Negócios e política externa**. Brasília, IPEA (2011). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1596.pdf>. Acesso em 24 out 2015.

Global Firepower. **The complete Global Firepower list puts the military powers of the world into full perspective**. Disponível em: <<http://www.globalfirepower.com/countries-listing.asp>>. Acesso em 22 Maio. 2016

Holloway, Peláez. **A guerra de todos os estados contra todos os povos**. In: CECEÑA, A. E. SADER E. (Orgs.) A guerra infinita: hegemonia e terror mundial. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: LLP; Buenos Aires: Clacso, 2002.

HOLTOM, Paul; BROMLEY, Mark; WEZEMAN, Pieter D.; WEZEMAN, Siemon T. **Trends in international arms transfers, 2012**. Disponível em: <<https://www.sipri.org/sites/default/files/files/FS/SIPRIFS1303.pdf>>. Acesso em 22 Abril 2017.

LACERDA, Gustavo B. **Algumas teorias das relações internacionais: realismo, idealismo e grocianismo**. Revista Intersaberes, Vol. 1, nº1, p.56-77, jan-jun 2006, issn 1809-7286.

MACKINDER, Halford John. **The geographical pivot of history**. Vol. XXIII, Nº 4, April 1904. Disponível em: <https://www.iwp.edu/docLib/20131016_MackinderTheGeographicalJournal.pdf>

Perlo-Freeman, S., Fleurant, A., **The SIPRI Top 100 arms-producing and military services companies, 2014** (SIPRI: December 2014). Disponível em: <https://www.sipri.org/sites/default/files/files/FS/SIPRIFS1405.pdf>>. Acesso em 22 Abril 2017.

SIPRI- (*Stockholm International Peace Research Institute*). Disponível em: http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php> Acesso em 17 Jan. 2016.

TERRA. **Ecossistema é o grande derrotado no conflito pelo Mar do Sul da China**, disponível em: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/ecossistema-e-o-grande-derrotado-no-conflito-pelo-mar-do-sul-da-china,a919ec13906b60926a540384b54652eeale79exp.html> > acesso em 05 jan. 2016.

VALENTE, Gabriela. Oglabo. **Brasil quer vender avião e frangos para Índia**. (16/10/2016). Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/brasil-quer-vender-aviao-frango-para-india-20299673>> Acesso em 20 Out. 2016.

WEZEMAN, Pieter D.; WEZEMAN, Siemon T. **TRENDS IN INTERNATIONAL ARMS TRANSFERS, 2014**. Disponível em: <http://books.sipri.org/files/FS/SIPRIFS0904.pdf> >. Acesso em 02 jan. 2016

*Artigo recebido em 16 de novembro de 2016
Avaliado em 08 de abril de 2017
Aceito em 25 de abril de 2017
Publicado em 15 de maio de 2017*